



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 6

Campesinato e Soberania Alimentar



## **“Agroecologia cada um constrói de acordo com a sua realidade”: práticas, saberes e percepções de uma camponesa amazônica sobre agroecologia e soberania alimentar**

*“Agroecology each constructs according to your reality”: practices, knowledge and perceptions of an amazonian peasant woman about agroecology and food sovereignty*

ANDRADE, Josiele Pantoja de<sup>1</sup>; MATOS, Lucilda Maria Sousa de<sup>2</sup>;  
KATO, Osvaldo Ryohei<sup>3</sup>; AZEVEDO, Célia Maria Braga Calandrini de<sup>4</sup>;  
SOUSA, Fagner Freires de<sup>5</sup>; MATOS, Grimoaldo Bandeira de<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural da Amazônia, josiele.andrade@yahoo.com.br; <sup>2</sup> Embrapa Amazônia Oriental, lucilda.matos@embrapa.br; <sup>3</sup> Embrapa Amazônia Oriental, osvaldo.kato@embrapa.br; Embrapa Amazônia Oriental, celia.azevedo@embrapa.br; <sup>4</sup> Instituto Federal do Pará – Campus Cametá, fagner.sousa@ifpa.edu.br; <sup>5</sup> Embrapa Amazônia Oriental grimoaldo.matos@embrapa.br<sup>6</sup>

**Tema Gerador:** Campesinato e Soberania Alimentar

### **Resumo**

Este trabalho analisa as práticas, saberes e percepções de uma camponesa, residente na comunidade Monte Sião, São Domingos do Capim - PA, a respeito da agroecologia, mostrando como os saberes e práticas dos camponeses amazônicos contribuem para o estabelecimento de agroecossistemas sustentáveis e da soberania alimentar. Na coleta de dados utilizou-se uma entrevista não diretiva e uma observação direta. A partir da análise, compreende-se que a família da camponesa tem sua reprodução física e social garantidas pelo trabalho familiar, realizada de forma harmônica com o meio biofísico, com base nas observações cotidianas da natureza que é refletida em saberes e práticas agroecológicas, que permitiu o estabelecimento de um sistema agroflorestal biodiverso, oportunizando alcançar a soberania alimentar da família.

**Palavras-chave:** campesinato amazônico; saber local; agrofloresta; soberania alimentar.

### **Abstract**

This work analyzes the practices, knowledge and perceptions of a peasant woman living in the Monte Sião community, São Domingos do Capim - PA, regarding agroecology showing how the knowledge and practices of the amazonian peasants contribute to the establishment of sustainable agroecosystems and food sovereignty. Data were collected using a non-directive interview and a direct observation. From the analysis, it is understood that the family of peasants has their physical and social reproduction guaranteed by family work, performed in a harmonic way with the biophysical environment, based on the daily observations of nature that is reflected in agroecological knowledge and practices, which allowed the establishment of a biodiverse agroforestry system, allowing to achieve the family food sovereignty.

**Keywords:** amazonian peasantry; local knowledge; agroforestry; food sovereignty.

### **Introdução**

Os saberes e práticas de camponeses, povos e comunidades tradicionais são considerados o ponto de partida para as discussões em torno da ciência agroecológica, sendo assim, o campesinato o elemento estruturante dessa ciência e o principal ator



de implementação das práticas agroecológicas (TOLEDO, 2005; PEREZ-CASSARINO *et al.*, 2013), contribuindo para o estabelecimento de agroecossistemas sustentáveis e promotores de segurança e soberania alimentar.

Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo analisar as práticas, saberes e percepções de uma camponesa amazônica sobre agroecologia e soberania alimentar, a partir de sua experiência cotidiana no contato direto com a natureza, a partir de um sistema agroflorestal implementado por ela e sua família.

### **Metodologia**

A pesquisa foi realizada com uma família camponesa, residente na comunidade Monte Sião, localizada no Município de São Domingos do Capim, nordeste paraense. Trata-se de estudo com abordagem qualitativa seguindo as orientações metodológicas de Oliveira (2000) sobre o “o olhar, o ouvir e o escrever”. Valendo-se de métodos de cunho etnográfico como a entrevistas não diretivas (MICHELAT, 1987), realizada com uma camponesa, a fim de saber sua trajetória de vida, saberes e percepções; e as observações diretas (BEAUD E WEBER, 2007) foram realizadas na unidade familiar.

Para análise de dados articulou-se teoria e empiria, proporcionando escrever além das percepções da camponesa a cerca da realidade discutida, a significação do pesquisador sobre a realidade social observada (OLIVEIRA, 2000).

### **Resultados e discussões**

Demonstra-se a trajetória de vida da camponesa, enfatizando as experiências, saberes e percepções para construção da agroecologia.

Raimunda Zinalva de Araújo Freitas, com 46 anos de idade, filha de agricultores, nasceu em 01 de setembro de 1968, na comunidade Monte Sião. Mãe de cinco filhos e avó de quatro netos. Desde criança convivia de forma harmoniosa com a natureza, da qual obtinha seu alimento.

“(…) desde criança eu já convivia apanhando açaí, pescando, coletando sarará que é um carangueijinho pequenino que é pra gente fazer a farofa pra tomar com açaí, naquela época por pura falta de alimentação. Então, eu já via que pra ter o sarará, tinha que ter as raízes, então, mesmo criança eu já tinha aquele foco. Agora a nossa vida a gente aprende toda hora, todo dia, todo minuto, no decorrer da história a gente vem fazendo observações” (Zinalva Freitas, 46 anos).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 6

Campesinato e Soberania Alimentar



A camponesa é exemplo das muitas mulheres do campo que tem sua reprodução física e social garantida por meio de produtos da floresta, fruto do conhecimento adquirido de seus antepassados de forma oral, das observações cotidianas e da convivência com estudantes, pesquisadores e técnicos.

(...) não existe uma academia que forme o agricultor, o homem do campo, a mulher do campo, você tem que correr, você tem que buscar esse conhecimento, através de leitura, dos programas informativos. Então no decorrer da nossa história a gente vem aprendendo mais coisa, sem esquecer as nossas raízes, porque a gente não pode esquecer a nossa raiz (Zinalva Freitas, 46 anos).

Os conhecimentos tradicionais são difundidos por agricultores, pescadores, caçadores e coletores há milhares de anos, pois eles apresentam compreensão própria do uso dos recursos da natureza, baseada no princípio da diversidade, considerando uma série de costumes e crenças, as quais culminavam com suas implicações práticas que resultam na produção dos bens, para sustento das famílias (TOLEDO, 2005).

A experiência da camponesa e sua família são pautadas nas observações e experimentações a partir de saberes locais, entendendo-se assim, que a agroecologia nasceu com a própria agricultura.

Agroecologia não é um pacote pronto e acabado, cada um constrói de acordo com a sua realidade, agora tem que ter princípio. Qual é o princípio? é a vida, é você respeitar a vida, é você saber aquilo que disse ainda agora, que você não é mais importante do que ninguém, de que nenhuma minhoquinha. Você depende da minhoquinha ali, pra fazer o trabalho do arado, é ela que faz isso. Dependo da formiga pra proteger meu pé de chicória, que é ela que tá lá fofando a terra pra que meu pé de chicória fique bonito (Zinalva Freitas, 46 anos).

Academicamente a agroecologia surgiu no final dos anos setenta, como resposta as primeiras manifestações da crise ecológica no campo. No entanto, se quisermos ser rigorosos, temos que falar propriamente de “redescoberta” da agroecologia ou formulação de uma linguagem científica convencional dos muitos conhecimentos das culturas camponesas, de transmissão e conservação por via oral sobre as interações que ocorreram na prática agrícola (CASADO; SEVILLA-GUZMÁN; MOLINA, 2000).

### **A agrofloresta como provedora de alimentos: construção da soberania alimentar**

A família da camponesa Zinalva tem uma produção diversificada de alimentos, consolidada num sistema agroflorestal implantado na propriedade com o objetivo de acabar com a fome. A família é disseminadora de sua experiência para vizinhos da comuni-

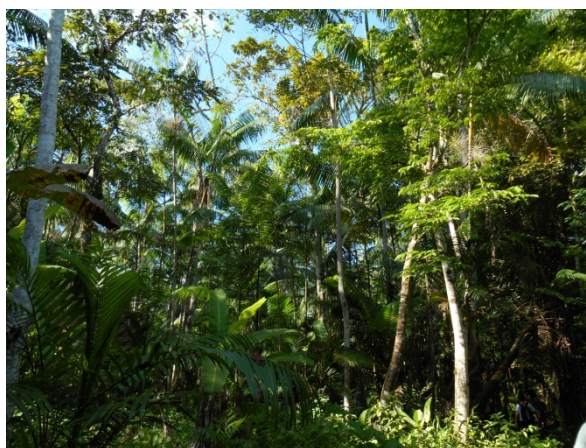


dade e outras localidades. A agrofloresta tornou-se ao longo dos anos um laboratório com foco na agricultura de base agroecológica para pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação.

Quando a gente iniciou esse trabalho aqui, a única coisa que a gente pensava era ter comida... fugir da fome. A gente veio de família bem humilde, tanto eu como o Pedro, e a gente pensava assim, não queremos que os nossos filhos passem o que nós passamos... privações de não ter até alimento [...]. Então foi assim que nós começamos esse trabalho (dos sistemas agroflorestais), nessa luta incansável de ter alimento, só nisso que a gente pensava (Zinalva Freitas, 46 anos).

A experiência da relação com a natureza se concretizou, e hoje o casal garante a alimentação de sua família. O sistema agroflorestral estabelecido há mais de 20 anos foi consolidado com recursos da natureza e as sementes coletadas pelo casal em propriedades vizinhas (Figura 1).

O sistema é diversificado e sem uso de insumos químicos, oportunizando a produção da maior parte dos alimentos consumidos pela família. São eles que decidem o que produzir e como produzir, bem como o que consumir, construindo a soberania alimentar. Esse sistema também permite manter as redes de reciprocidade, onde visualiza-se os mutirões como forte elemento de práticas exitosas, como o aumento da diversidade genética e disseminação de conhecimentos adquiridos.



**Figura 1.** Sistema Agroflorestral da família de Zinalva Freitas

**Foto.** Fagner Sousa



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 6

Campesinato e Soberania Alimentar



A soberania alimentar é definida como direito dos povos de decidir o que produzir e como produzir, e dos consumidores decidirem o que consumir (PIMBERT, 2009). Assim os movimentos sociais, como a Via Campesina propôs a partir de 1996, a soberania alimentar com base em princípios de justiça social, dimensões ecológicas, pautada na valorização do papel dos agricultores locais (MARQUES, 2014).

A família é a responsável pela alimentação, porque uma grande parte, diria que 80% da nossa alimentação nós produzimos. Não só a minha família, mas toda a comunidade, porque nós produzimos aqui o açaí, a banana, o cacau, o cupuaçu, a galinha caipira, o peixe, a gente conserva as matas ciliares pra que nós tenhamos peixes. Nós consumimos carne vermelha, de gado, que não produzimos uma vez por semana, quando consome, pelo hábito da alimentação mesmo, porque na grande maioria, a gente consome mais fruta, então consumimos mais a nossa alimentação. A farinha de mandioca, quem **não** produz, tipo nós aqui, nossa família não produz mandioca porque nosso terreno não é propício, mas nós compramos da própria comunidade que produz. Como verdura também, a gente sempre procura ver tudo o que a gente tem na comunidade, pra buscar lá fora, muito pouco, por conta do que a gente não sabe como foi produzido aquele alimento, isso já é um cuidado que a gente tem. E também quando nós vamos comprar nós já temos a sensibilidade de saber se dar pra trazer vários produtos numa mesma sacola, pra evitar o lixo, porque não tem coleta de lixo, o que a gente não consegue queimar por aqui, a gente junta e leva pra lixeira da cidade de volta, pra não botar no rio. E, quando a gente sabe que tem alguém colocando lixo no rio a gente vai atrás, tanto quando associação, quanto morador, quanto igreja, porque nós temos consciência que o rio é nosso e nós precisamos dele (Zinalva Freitas, 46 anos).

O cuidado com os alimentos consumidos pela família ultrapassa o ambiente da casa, pois são reproduzidos no lanche da escola e eventos da comunidade. *“A gente sempre dá um jeito de colocar uma fruta na mochila do menino pra levar pra escola, um biscoito, uma castanha. Uma coisa, assim pra evitar que eles comam alimentos que a gente não saiba a origem. O problema é esse, a gente não sabe”*. Além do consumo *in natura* das frutas, Zinalva prepara alimentos na forma de doces, bolos, biscoitos, sopas e outros.

De sua relação harmoniosa com a natureza e habilidade em arte culinária, escreveu o livro: *“Saberes e sabores: receitas”*, lançado em 2008, por ocasião do evento intercâmbio entre agricultores do Município de Igarapé-Açu e São Domingos do Capim. O rico saber sobre culinária com produtos locais, segundo Zinalva, resulta em *“Mesa farta, fruto do trabalho, produto de solo sadio, harmonia com a natureza”* (Freitas, 2008).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO

12-15 SETEMBRO 2017  
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 6

Campepinato e Soberania Alimentar



## Considerações Finais

Os saberes da camponesa e sua família, adquiridos na experiência diária de contato com a natureza e refletidos nas práticas agroecológicas por eles adotadas, permitiu o aumento da biodiversidade vegetal e animal em seu agroecossistema, constituindo um sistema agroflorestal biodiverso que, hoje, oportuniza o compartilhamento e fortalecimento dos saberes locais, garantia de produtos de qualidade visando a soberania alimentar das famílias da comunidade, o bem-estar da família, além de proporcionar a preservação da qualidade do solo e da água.

## REFERÊNCIAS

BEAUD, S.; WEBER, F. F. Observar. In: \_\_\_\_\_. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Petrópolis: Vozes, 2007, p. 119 – 150. Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida.

CASADO, G. G.; SEVILLA-GUZMÁN, E.; MOLINA, M. G. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible.** Madrid: Mundi-Prensa, 2000.

FREITAS, Z. Saberes e sabores: receitas. Belém, PA: PROAMBIENTE/APEPA, 2008. 20 p.

MARQUES, P. E. M. Críticas e justificações em torno da soberania alimentar: fundamentações com vistas a um sistema agroalimentar justo. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária – ABRA, São Paulo, p.15-26. 2014**

MICHELAT, G. Sobre a utilização de entrevista não-diretiva e a sociologia. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** 5 ed. São Paulo: Polis, 1987, p. 191 – 212.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000. p.75-35.

PEREZ-CASSARINO, J.; FERREIRA, A. D. D.; MAYER, P. H. Agricultura, campeonato e sistemas agroalimentares: uma proposta de abordagem para a transição agroecológica. **Cronos**, v.14, n.2, p.129-152. 2013.

PIMBERT, M. Mulheres e soberania alimentar. **Revista Agriculturas**, v.6, n.4, p.41-45, 2009.

TOLEDO, V. M. La memoria tradicional: la importancia agroecológica de los saberes locales. **LEISA Revista de Agroecologia:** México, 2005, p. 16-19.